

CAP 2.1.6.129



es ter im

exto de aus-
ia.
Centro In-
venções,
orum". E
sou aban-
cnicos, o
de uma
nto a de
zburgo.
ado por
metró
de es-
ea, as
que
—
lon-
o—
Os
ur-
ó-
n-
s



Em "Vida e Morte do Bandeirante", sobriedade e elegância.



A vida colonial paulista, segundo Alcântara Machado.

Um ensaio sobre os bandeirantes

ERNANI SILVA BRUNO

Está completando este ano o cinquentenário do livro de Alcântara Machado "Vida e Morte do Bandeirante", um clássico da historiografia paulista e brasileira. Inclusive por seu sabor literário, pois a linguagem do autor, nesse ensaio publicado em 1929, embora um tanto superada em face dos novos padrões consagrados na época pela renovação modernista, impunha-se por seus atributos de admirável sobriedade e elegância.

Limitou-se Alcântara Machado a uma única fonte de informações para reconstituir o viver colonial paulista, mas uma fonte extremamente válida e rica, os inventários e testamentos processados, de 1578 a 1700, pelo primeiro cartório de órfãos da cidade de São Paulo, conservados e em parte já publicados, na ocasião, pelo Arquivo do Estado. Esses remotos papéis — diz, com ironia, o autor — até então "só os linha-gistas se atreviam a exumá-los do limbo dos cartórios". "Parece mesmo que para outra coisa não serviam os autos centenários, senão para a formação das árvores genealógicas do nosso patriciado".

O próprio Alcântara Machado provou que eles serviam para muito mais do que isso. Com base no que revelam essas centenas de inventários — que por uma espécie de milagre brasileiro resistiram ao tempo e às traças — pôde falar do povoado (São Paulo de Piratininga), do sítio da roça, do mobiliário, da baixela, das roupas e das jóias, de médicos, doenças e remédios, da justiça, do dinheiro, da família, de índios e tapanhunos, das devoções e do sertão, em uma notável tentativa de reconstituição da sociedade que se implantou na vila de São Paulo e arredores e que aí evoluiu de

fins do século 16 ao começo do 18.

Uma das surpresas maiores de Alcântara Machado, percorrendo as anotações dos antigos escrivães, foi a constatação da pobreza da primitiva sociedade piratiningana. "Nada — escrevia ele — transparece em abono daquela página arroubada em que Oliveira Viana empresta à sociedade paulista dos dois primeiros séculos o luzimento e o donaire de um salão de Versalhes engastado na bruteza da floresta virgem". Tudo bastante despojado e tosco, sem nenhuma pompa.

De certa forma "Vida e Morte do Bandeirante" foi livro pioneiro. Com ele — como observava Sérgio Milliet na introdução à sua reedição, feita em 1943 — iniciava-se o estudo da história social do Brasil, pelo esmiuçamento e a análise direta, objetiva, dos documentos de ordem cultural, no sentido mais amplo e sociológico da palavra, referentes a um dos períodos apaixonantes da história do Brasil, o Bandeirismo.

Entretanto, como se estivesse cometendo um pecado, Alcântara Machado assim se justificava: "Não é frívola a curiosidade que nos leva a inquirir onde moravam os nossos maiores, a maneira por que se alimentavam e vestiam, o de que tiravam os meios de subsistência, a concepção que tinham do destino humano". Por isso notava Milliet que o autor, desprezando a narrativa de feitos épicos, em assunto muito fácil de escorregar para a demagogia, fizera um estudo cujo método e cuja clareza revelavam o conhecimento das mais recentes obras de antropologia social.

Mas o autor de "Vida e Morte do Bandeirante", como se precisasse se defender em uma posição ainda não muito aceita pela historio-

grafia de sua época, insistia: "Reduzir o estudo do passado à biografia dos homens ilustres e à narrativa dos feitos retumbantes, seria absurdo tão desmedido como circunscrever a geografia ao estudo das montanhas". Como poderíamos atingir o objetivo essencial da história — perguntava — "se concentrarmos toda a atenção em meia dúzia de figuras, esquecendo o esforço permanente dos humildes, a silenciosa colaboração dos anônimos, as idéias e os sentimentos das multidões?"

O curioso é que, depois de escrever essas coisas, Alcântara Machado se autolimitava e antes de entrar no estudo da casa paulista dos primeiros séculos, dizia isto: "Pouco nos interessam as pousadas onde pousa a gente somenos; não varia no tempo e no espaço o espetáculo da miséria humana. O que nos aguça a curiosidade é o ambiente em que se move a aristocracia da colônia".

Como se explicaria a contradição do mestre? E que talvez, escrevendo há meio século e a despeito da valiosa contribuição que deu à decifração do passado paulista — o que garante a atualidade de seu ensaio — Alcântara Machado não pôde se libertar de todo daquela "história de uma nota só" a que me referi em artigo anterior para este jornal: a história biográfica, a história dos grandes nomes, das famílias importantes, dos titulares da corte, a história do latifúndio, do engenho, da casa grande.

Aqui caberia lembrar que o autor, reportando-se certa vez ao fato de que descendia de família que já no século 16 habitava São Paulo, disse uma frase que se tornou famosa: "Paulista sou há quatrocentos anos". A que se poderia acrescentar que tam-

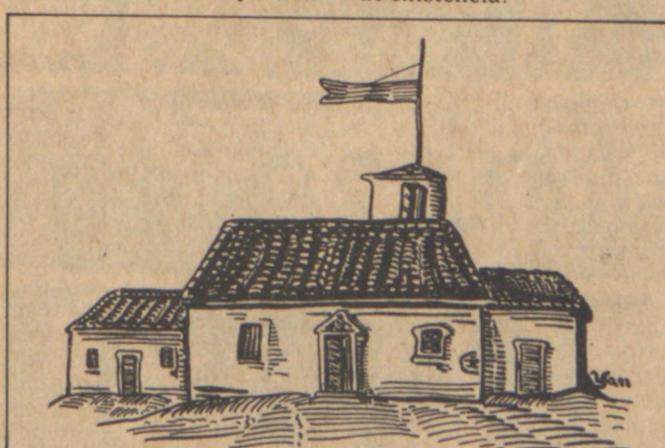
bém os descendentes daquela "gente somenos", índios escravizados ou mamelucos sem "nobreza de sangue", mencionados pelos antigos documentos, são paulistas de quatrocentos anos. Ou não?

Outra restrição que pode ser feita a essa obra-prima de Alcântara Machado que é "Vida e Morte do Bandeirante" refere-se ao título que lhe deu, a despeito de sua sonoridade. Penso que usar o vocábulo bandeirante como sinônimo de paulista pode levar a distorções da verdade histórica. Parece evidente que poucos moradores do planalto se dedicavam ao bandeirismo. As sugestões contidas nos próprios Inventários e Testamentos levam a crer que a maioria dos habitantes da vila de São Paulo e dos que viviam nos sítios, ao redor da povoação, não participavam das expedições ao sertão, embora todos — eles acabassem se beneficiando do aprezamento, que lhes permitia ter à sua disposição os bugres trazidos da selva.

Por mais tocada que tenha sido, de proezas e de lances épicos, a marcha das bandeiras, por mais que sensibilizem nossa imaginação as aventuras dos sertanistas, é necessário que se tente desvendar o que foi e como foi, à margem desse aspecto dinâmico da experiência passada de alguns paulistas, a vida de todos os dias do burgo de Piratininga e a dos roceiros que, em seus sítios, representavam a face sedentária e estável desse grupo regional brasileiro quase isolado de tudo no decorrer dos primeiros séculos. Foi, de resto, o que Alcântara Machado ajudou a fazer. Decorre, precisamente disso, a alta significação de seu livro ao cabo de meio século de existência.



Capela de Montserrat, uma ilustração de Yan de Almeida Prado.



A Casa da Câmara, no século 18, segundo Almeida Prado.